
Jornalismo cultural e música erudita: concertos da Orquestra Sinfônica de Santa Maria no Diário de Santa Maria *online*¹

Kleitton da Cruz PRESTES²

Larissa da ROSA³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Universidade Franciscana, Santa Maria, RS

RESUMO

Este artigo tem como objetivo identificar a produção de conteúdo sobre música erudita na mídia, mais especificamente a partir da análise de materiais sobre a Orquestra Sinfônica de Santa Maria no jornal Diário de Santa Maria em sua versão *online*. Assim, a fundamentação teórica se dá nas interconexões entre música e comunicação, trazendo conceitos da música erudita e do jornalismo cultural. A partir desta interface comunicacional, foram contabilizados os concertos realizados, bem como número de divulgações e tipo de conteúdo feito, para uma melhor compreensão da comunicação a respeito da música erudita em Santa Maria.

PALAVRAS-CHAVE: interfaces comunicacionais; jornalismo cultural; música erudita; performance.

MÚSICA ERUDITA

Considerar determinada produção ou performance musical como erudita parte de conceitos subjetivos de classificação que acabam criando barreiras entre o erudito e o popular. Segundo Martins (1993, p.1) “os limites fronteiriços entre a criação erudita e a genuinamente popular (...) podem ser tênues, havendo, por parte da primeira, incursões profundas em território popular, a resultar sempre um enriquecimento”. Em confronto a isto, quando pesquisados em dicionários, os termos “erudito” e “popular” acabam se contrapondo e sedimentando uma grande separação entre os dois tipos de materiais. Tal separação pode ser evidenciada também na produção e consumo de música erudita. Iazzetta aponta que para as pessoas que possuem a música popular como padrão “a música erudita se mantém como algo desconectado da dinâmica de nosso tempo, uma

¹ Trabalho apresentado na IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Graduando do 8º semestre do Curso de Música – Bacharelado em Clarineta da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e-mail: kleitonprestes@yahoo.com.br

³ Graduada no ano de 2019 no Curso de Jornalismo da Universidade Franciscana (UFN), e-mail: lrosacardoso@gmail.com

atividade sisuda praticada por poucos, que não cria identidade nem encontra ressonância no gosto da maioria das pessoas” (2001, p.4).

Este artigo partirá da definição que Mojola (2018) usa para nomear música clássica. O autor considera música clássica o “tipo de música veiculada em eventos (concertos ou recitais) realizados em teatros convencionais ou espaços de perfil semelhante” (MOJOLA, 2018, p.61). Enquanto Mojola usa esta definição para demonstrar seu conceito de música clássica, no âmbito desta análise será preferido o termo música erudita em busca de uma forma de confronto às barreiras impostas pela terminologia e forma como este tipo de performance musical é encarada.

Além de toda dificuldade encontrada em relação a nomenclaturas, percebe-se que determinadas formas de encarar uma performance musical podem estabelecer os mesmos desafios. Estas formas de tratamento podem ser empecilhos para o estabelecimento de público e maior interação com o mesmo, e diversos são os agentes criadores de tal problema. Um fator relevante para o afastamento de público e música erudita é a falta de incentivo de instituições governamentais e privadas, pois como elucidada Mello (1976 apud VETROMILLA 2015, p. 159)

na medida em que a maioria tenha acesso à compreensão e à participação na obra de arte, ela deixa de ser erudita para ser popular. Tanto é assim que o que nós chamamos de arte erudita é, precisamente, o direito adquirido que uma classe dominante tem de fazer arte da cultura popular

A falta de empenho em viabilizar mais ligações entre público e produto sedimenta um sentimento de inacessibilidade, pois pode ser uma tarefa difícil despertar interesse naqueles que não se imaginam produzindo ou apreciando tal material artístico. Além disso, MARTINS (1993, p.178) aponta que “presentemente, a divulgação pública ampla da música erudita verifica-se (...) na evidência preferencial de repertório repetitivo tradicional”, este comportamento oriundo de alguns músicos eruditos pode, talvez, ser interpretado como estabilidade em uma zona de conforto, pois se sabe do impacto que certos repertórios podem causar, mas não se pode esperar que seu público habitual queira apreciar sempre o mesmo material e não há como se atingir novos interessados se não houver variedade artística para ir de encontro a diversificados gostos pessoais.

Ainda sobre atitudes relativas ao tratamento dado à performance musical, apontou-se possíveis enganos vindos de quem desenvolve a produção artística e de

quem transmite informação sobre ela, entretanto, é também importante salientar o quanto é relevante o papel de ponte entre os dois. Mojola, por exemplo, aponta a necessidade de um profissional responsável pela curadoria de eventos musicais.

Por curadoria entende-se o trabalho de um profissional, com qualificação adequada, que se responsabiliza pela escolha do repertório, dos músicos e até mesmo do espaço em que o evento é realizado. O curador pode definir a programação completa ou parte dela; pode também integrar um conselho maior, formado por outros curadores. (MOJOLA 2018, p. 63)

A partir disso, percebe-se que, possivelmente, uma curadoria profissionalizada poderia melhorar a postura em relação à escolha de repertório e outros problemas relativos. Mas também é necessário mediar com mais propriedade a relação com os meios de comunicação, assim possibilitando uma elaboração de conteúdo melhor embasada.

Portanto, a terminologia “música erudita” será imprescindível para a análise trabalhada neste artigo não como identificação de gênero musical, mas sim como apontamento de postura dos produtores da notícia e, inevitavelmente, do receptor da notícia em relação às performances musicais da Orquestra Sinfônica de Santa Maria.

JORNALISMO CULTURAL

Na mídia, na editoria reservada para cultura, engloba-se desde artes consideradas eruditas, movimentos populares, lazer e entretenimento. Para Rivera e Gadini (1995; 2004 apud GOLIN, 2009) a definição de jornalismo cultural mora na heterogeneidade de meios e produtos das artes, letras, ciências humanas e sociais. Outro conceito que diz respeito ao jornalismo cultural é o encontrado em Suzuki Jr. (1986 apud CUNHA; FERREIRA; MAGALHÃES, 2002, p. 6), que aponta que os artistas não dependem apenas de sua própria arte “mas também da imagem que conseguem articular frente ao público. O jornalismo cultural, mesmo o mais independente, é o virtual complemento do mercado artístico, é algo que está fora e dentro da cultura”. Desta forma, é possível ressaltar o importante papel do jornalismo cultural para as manifestações artísticas, uma vez que a divulgação de eventos e obras propicia visibilidade e representatividade.

Segundo Golin (2009, p.4) “a função de mediação é um ponto significativo para avaliar a relevância desse segmento como elo entre o público e determinados bens

simbólicos”. Assim, o jornalismo serve de ponte entre cultura e público leitor, propiciando acesso a obras e processos artísticos. Este papel de mediador do jornalista cultural funciona como ligação entre produtores culturais e receptores de informação, não devendo ser banalizado à dinâmicas mercadológicas, reduzidos a sinopses e agendas ou limitados a conceitos generalizados. Basso (2008) afirma que o jornalista cultural tem o dever de compreender a área que escreve e seus códigos estéticos, possibilitando a sedução do leitor pelo conteúdo. A autora ainda aponta que

ao jornalista cultural ou ao crítico de cultura cabe o papel de levar à análise e à interpretação, de forma a dar subsídios mais aprofundados para o leitor, refletindo as formas de organização da sociedade através das artes e da produção cultural. À parte expor a filosofia estética de uma obra, por exemplo, cabe também a reflexão sobre as circunstâncias sociais e históricas em que foi concebida, no sentido de apresentar a obra como um processo cultural, na tentativa de captar o movimento vivo das idéias, e não apenas como produto do mercado da indústria cultural. (BASSO, 2008, p.1)

A partir desta afirmação, é notória a abordagem e tratamento ideal de um jornalista quando se trata de conteúdo cultural. Muitas vezes, prima-se pela informação por si só e são esquecidos outros aspectos fundamentais para subsidiar a leitura do público. Outro fator importante a ser destacado é a abordagem da cultura somente como produto, mercadoria a ser consumida, perdendo o tratamento da produção cultural como processo. Para Cunha, Ferreira e Magalhães (2002) os processos culturais são menosprezados em relação aos seus produtos por conta do imediatismo da produção jornalística. Os autores ainda apontam que, em função da sensação de obrigação de se noticiar tudo que está disponível em cultura e lazer, “muito espaço acaba sendo gasto na publicação de roteiros e programações, além de notas e notícias a respeito de lançamento de produtos ou estréia de espetáculos” (CUNHA; FERREIRA; MAGALHÃES, 2002, p.9). Além disso, em muitos meios de comunicação é notável a articulação da matéria de maneira que se torna apenas uma transposição de conteúdos de *releases*, além da falta de checagem ou de uma apuração maior.

Barreto (2006) aponta que durante muito tempo os cadernos culturais foram ousados graficamente e espaço de experimentação de linguagem, mas que essa não é a realidade atual. “A cultura está cada vez mais inserida na sociedade do espetáculo, do consumo imediato, da superficialidade” (BARRETO, 2006, p.66). Ainda tratando da

limitação do conteúdo apresentado no jornalismo cultural atual, Golin (2009, p.9) questiona:

Entre tantos enunciados, uma ausência constante, presença rara nas publicações contemporâneas (...): onde está a reportagem nessa área? Há cultura circulando em colunas, em colunas sociais, em textos dos mais variados tipos, mas e o trabalho jornalístico refinado, de investigação com base na ampliação de um fato, de levantamento de dados, de análise, de contraponto de opiniões?

Desta maneira, é possível afirmar que o jornalismo cultural deixa de lado, muitas vezes, sua proposta de proporcionar uma leitura cultural mais ampla. Medina (2007 apud Golin, 2009, p.9) afirma que somente o conteúdo que sai do enquadramento cotidiano, que vai a campo e realiza uma leitura cultural mais pluralista resulta em um conteúdo polifônico e polissêmico, e só dessa maneira cria-se uma aproximação do que uma obra de arte oferece como experiência de conhecimento e estética.

ANÁLISE

Para a identificação do conteúdo produzido sobre música erudita na cidade de Santa Maria, optou-se por analisar quantitativamente as apresentações da Orquestra Sinfônica de Santa Maria e suas respectivas divulgações no Diário de Santa Maria *online*. Assim, foram contabilizados também os tipos de conteúdos desenvolvidos, bem como os elementos constitutivos dos materiais. A partir destes apontamentos, possibilita-se uma observação da dimensão, profundidade, linguagem e recursos utilizados na estruturação do conteúdo, propiciando por sua vez uma averiguação do possível impacto que podem causar na comunidade, mídia e músicos.

O Diário de Santa Maria é um jornal de Santa Maria (RS), propriedade de empresários da cidade, que é consolidado como o principal meio de comunicação impresso e online da cidade, desde que seu concorrente mais notável fechou – o jornal A Razão. A versão impressa do jornal pode ser adquirida diariamente em bancas ou sob assinatura, já a versão digital pode ser acessada através de seu site, que possui um limite de 8 acessos gratuitos mensais por usuário, após isto, os conteúdos só podem ser acessados sob assinatura. Por sua notoriedade na cidade foi o meio de comunicação escolhido para análise, além disso, optou-se pela versão *online* em motivo da maior acessibilidade por parte do público em geral.

Já os concertos da Orquestra Sinfônica de Santa Maria foram escolhidos em função do destaque substancial desta orquestra na cidade. Fundada em 1966, além de ser a orquestra que leva o nome da cidade – a representando -, também funciona como órgão suplementar da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sendo integrada majoritariamente por alunos do curso de Música da UFSM, uma vez que está prevista como disciplina na grade curricular do curso.

Desta forma, foram contemplados na análise os concertos da Orquestra Sinfônica de Santa Maria realizados de 1 de janeiro de 2017 até o dia 5 de maio de 2019, totalizando 12 apresentações ao longo dos 3 anos analisados, conforme apresenta o gráfico abaixo.

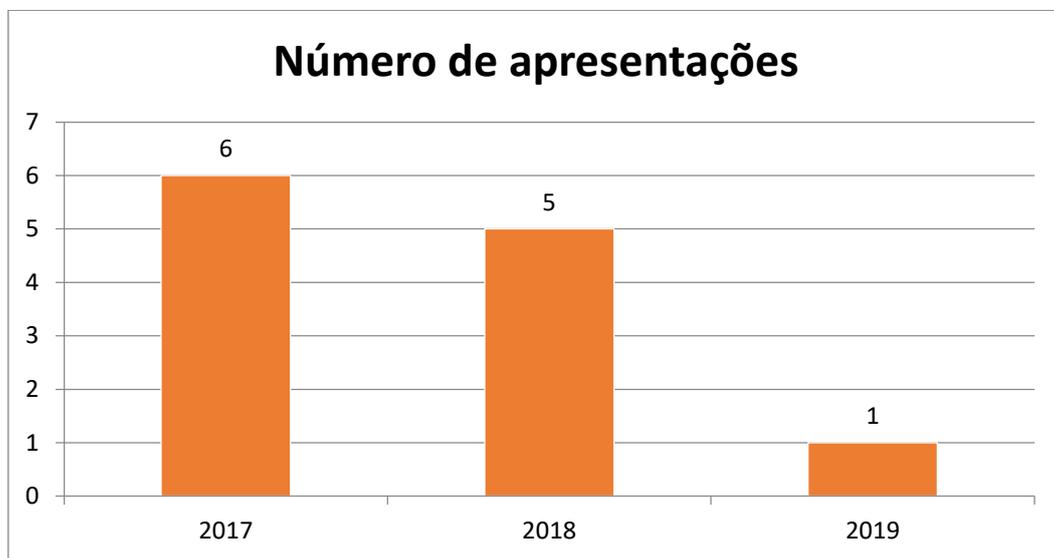


Gráfico 1: Número de apresentações. Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Dos 12 concertos realizados no período de tempo determinado, somente 7 deles foram divulgados no Diário de Santa Maria *online*, porém ocorreram mais de uma divulgação do mesmo evento, como podemos notar no Gráfico 2. Além disso, pode-se observar a quantidade de divulgações por ano, como apresenta o Gráfico 3, mostrando um crescimento de quantidade de divulgações ao longo dos anos.

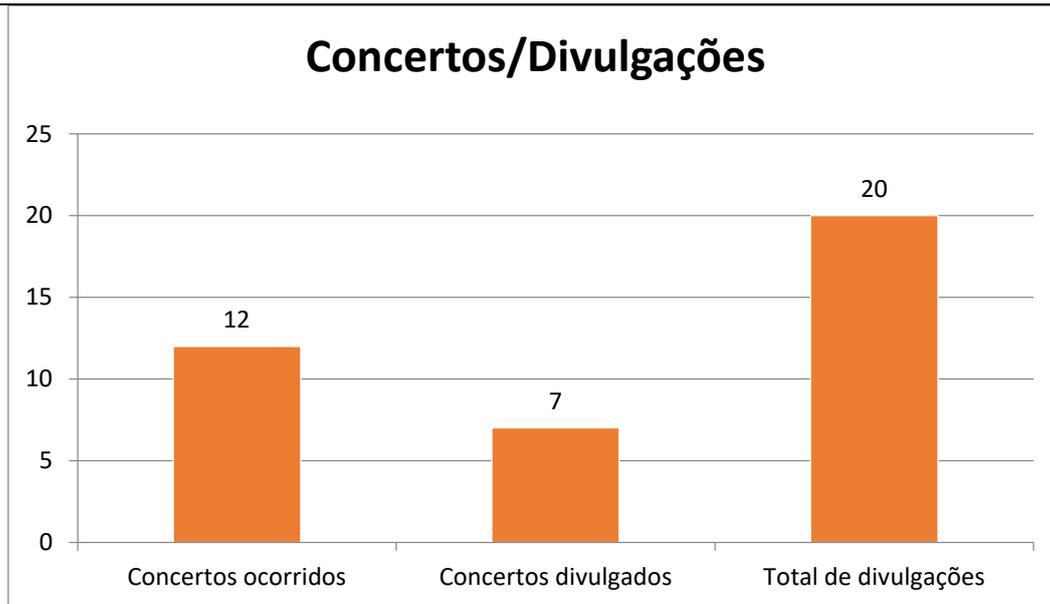


Gráfico 2: Concertos realizados e divulgados. Fonte: Desenvolvido pelos autores.

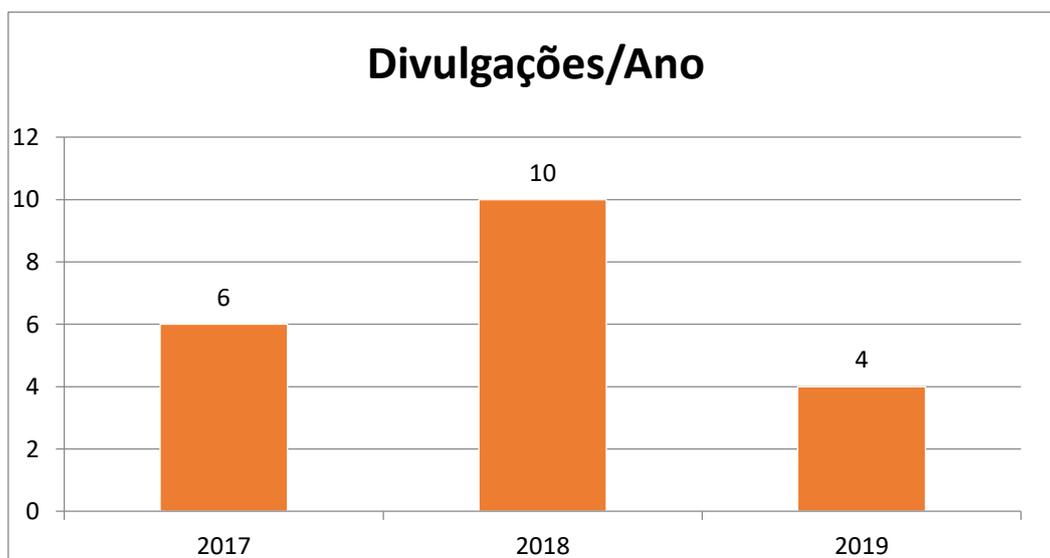


Gráfico 3: Número de divulgações por ano. Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Em 2017, foram publicados materiais acerca das apresentações do dia 13 de julho e do dia 20 de outubro, ocorrendo outros 4 concertos ao longo do ano não divulgados pelo veículo de comunicação. Já em 2018, os concertos do dia 25 de abril, 26 de setembro, 10 de outubro e 13 de dezembro foram veiculados, tendo este último a divulgação de apenas uma de suas sessões. Além disso, no mesmo ano um dos concertos realizados não foi divulgado. No ano de 2019, até a data delimitada para análise, foi realizada a divulgação do único concerto ocorrido até o momento, do dia 25 de abril.

Com relação ao tipo de conteúdo produzido, pode-se notar a predominância de notícias e notas, seguidas pela presença de conteúdo sobre as apresentações nas agendas culturais, sejam semanais ou diárias e também somente a menção do conteúdo por meio do uso de *hiperlink* no meio de agendas culturais, que redirecionam para outras matérias já existentes. Todos estes tipos de conteúdos – até mesmo somente a presença de *hiperlink* – foram contabilizados nesta análise. Também notou-se a ausência de reportagens, conteúdos com profundidade ou com abordagem diferenciada, como é possível observar no Gráfico 4.

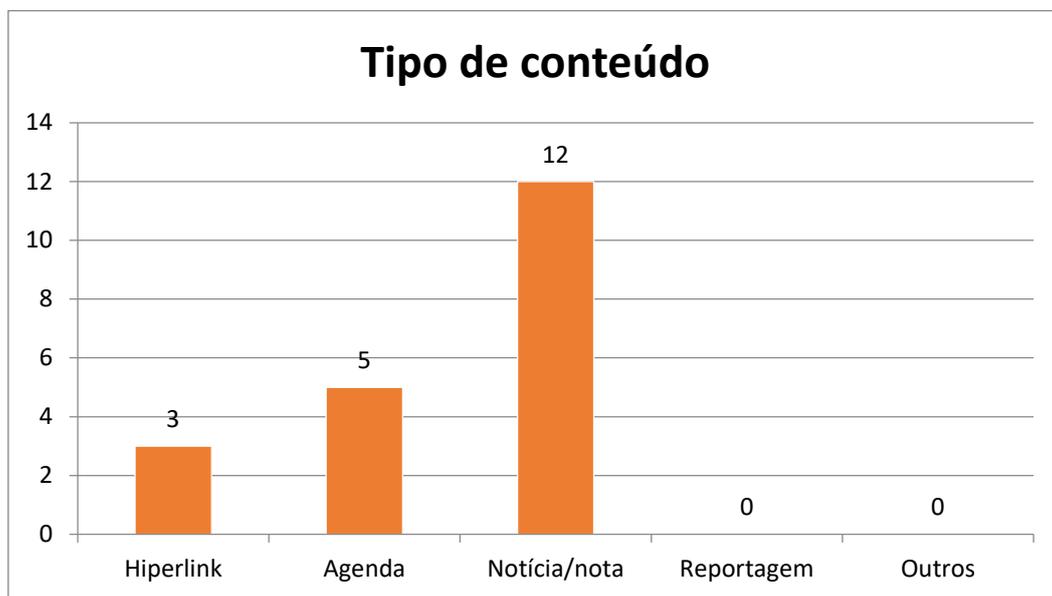


Gráfico 4: Tipos de conteúdos das divulgações. Fonte: Desenvolvido pelos autores.

Além dos tipos de conteúdos, foi possível identificar também os elementos constitutivos dos materiais divulgados. Desta forma, o recurso mais utilizado foi a fotografia, seguido pelo uso de texto. Outros elementos presentes foram o texto em tópicos em forma de serviço e o *hiperlink*. Recursos como vídeos, infográficos, entre outros, não foram identificados, como observa-se no Gráfico 5.

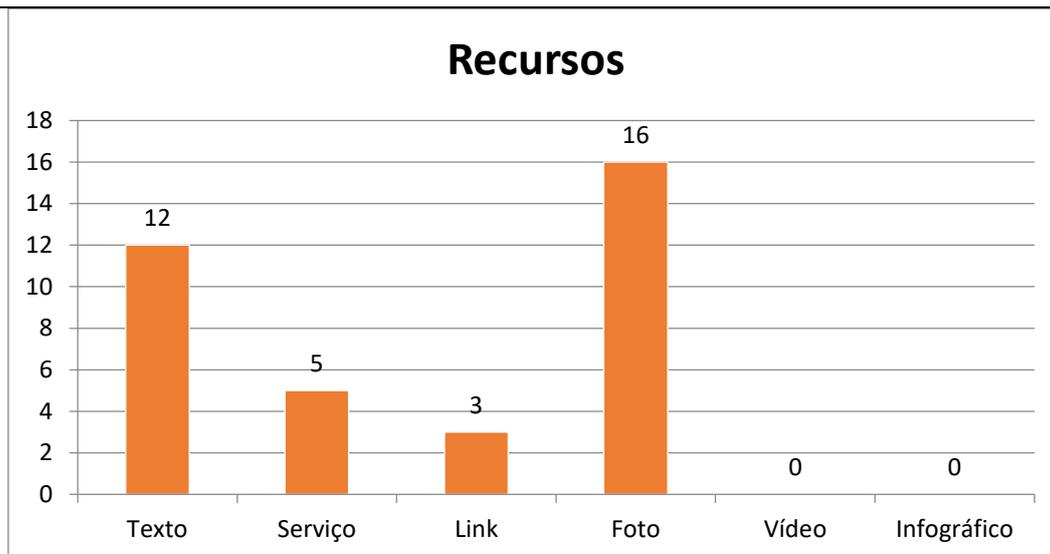


Gráfico 5: Recursos utilizados. Fonte: Desenvolvido pelos autores.

A partir da observação e interpretação dos dados coletados, chegou-se a conclusão que houve um número alto de divulgações em geral, mas de poucos concertos, uma vez que nem todas as apresentações foram contempladas nos materiais e foram divulgadas várias vezes o mesmo evento. Além disso, pode-se notar que não existe unidade na forma de nomenclatura da orquestra. Sua nomenclatura correta é Orquestra Sinfônica de Santa Maria, porém nas divulgações do Diário de Santa Maria *online*, ela é chamada também por outros nomes, sendo eles: Orquestra da UFSM, Orquestra Sinfônica da UFSM e Orquestra de Santa Maria. Isto demonstra uma carência na apuração do conteúdo por parte dos jornalistas ou até mesmo uma falta de preocupação com o material divulgado. Também foi notado que mesmo com o alto número de uso de fotografia como recurso nas divulgações, muitas são repetidas do próprio banco de fotografias do jornal, e não existe uma cobertura fotográfica de eventos. Na verdade não existe nenhuma forma de cobertura dos concertos, uma vez que existe somente a divulgação do que irá acontecer, com o intuito de agendamento cultural.

A maioria das notícias é curta, contendo informações de serviço e sinopse da apresentação. Alguns dos materiais são mais explicativos, mas não chegam a ter profundidade de conteúdo, pois acabam apenas abordando qual será o repertório, carreira dos músicos e planos futuros. Além disso, não há uma preocupação em criar um conteúdo diferenciado e/ou que seja atrativo para o público. Considerando que já existe uma barreira consolidada entre o público e a música erudita, a abordagem de conteúdo feita pelo veículo de comunicação não contribui para torna-la mais acessível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe uma construção simbólica a cerca da música erudita que não necessita de muitos fatores externos para afugentar o público. Mesmo assim, diversos aspectos sociais, culturais e econômicos contribuem para a perpetuação desta “inacessibilidade”. Quando se fala de cultura e seus problemas relativos, os primeiros apontados são o poder público e o poder econômico, afinal é de mais fácil percepção seu papel dentro deste contexto. Porém, também, existe a influência de fatores como público e uma busca maior por linguagens mais próximas, ou seja, de entendimento mais acessível, e também, os músicos eruditos com uma majoritária postura de distanciamento e inacessibilidade. Além dos aspectos citados, neste artigo é explorada a influência da mídia na solidificação desta barreira entre público e música erudita.

O jornalista possui o papel de ponte de ligação entre a informação e o público, sendo parte de sua função tornar a informação acessível para diferentes perfis. Um bom veículo e/ou jornalista não se limita a uma simples transposição de informações e exposição de fatos, mas investe em reportagens, conteúdos com profundidade e/ou diferenciados, para auxiliar seu público leitor em uma maior compreensão do todo do que está sendo falado. É diferente a maneira que se deve abordar uma pauta cotidiana de entendimento simples e uma pauta sobre um assunto que culturalmente e socialmente já causa um distanciamento automático. A posição adotada diante do jornalismo cultural, que não realiza a ponte entre o público e a música erudita de maneira eficaz, só reforça a barreira construída.

Cada vez mais a divulgação de eventos culturais acontece por meio das mídias sociais, contemplando as informações básicas do que, onde e quando vai acontecer na cidade. O público que anteriormente recebia a informação sobre eventos culturais somente pelos meios midiáticos tradicionais como o jornal, hoje também é produtor de conteúdo e pode se informar muito facilmente nas redes sociais, onde as próprias produtoras de eventos divulgam nas redes sociais por meio de sua assessoria de comunicação e/ou organizadores. Assim, cabe à imprensa se reformular, indo além da simples transposição de *releases*, e divulgações de agendas, produzindo conteúdos com profundidade de maneira acessível, que faça uma maior parcela da população sentir

interesse em eventos culturais que muitas vezes acabam sendo restritos a uma parcela elitizada ou acadêmica.

Um meio midiático que produz um bom conteúdo cultural tem, por consequência, impactos positivos no desenvolvedor do produto e/ou processo, na comunidade e no próprio meio. É necessária a noção de que jornalismo cultural vai além de informar o leitor, mas se fundamenta na contribuição para que o leitor possa analisar e apreciar obras, para que torne acessível a ele. A perpetuação desta barreira afeta diretamente a comunidade, o cenário musical e a própria mídia. Cada vez mais se vê como indispensável a interdisciplinaridade e a necessidade de um melhor entendimento profissional das interfaces entre áreas. Talvez uma formação musical que contemplasse nuances voltadas para a comunicação, e uma formação comunicacional que contemplasse tais aspectos culturais, resultassem em profissionais com preocupações diferentes e a desconstrução de tal barreira seria possível.

REFERÊNCIAS

BARRETO, I. **As Realidades do Jornalismo Cultural no Brasil**. In Revista Contemporânea, n.7, p.65-73. UERJ, 2006.

BASSO, E. F. C. **Para entender o jornalismo cultural**. In Revista Comunicação & Inovação, n. 16, v.9. São Caetano do Sul, jan-jun 2008.

CUNHA, L. A.; FERREIRA, N. A. T.; MAGALHÃES, L. H. V. **Dilemas do jornalismo cultural brasileiro**. In Revista Temas: Ensaios de Comunicação, n.1, v.1. Belo Horizonte: Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH), agosto-dezembro 2002.

GOLIN, C. **Jornalismo cultural: reflexão e prática**. In Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências. p. 23-38. 1ª ed. São Paulo: Miro Editorial, 2009.

IAZZETTA, F. **O que é a música (hoje)**. I Fórum Catarinense de Musicoterapia. De 31/08 e 01/09 de 2001. Florianópolis, 2001.

MARTINS, E. **A cultura musical erudita na universidade: refúgio, resistência e expectativas.** Aula Magna proferida no Anfiteatro de Convenções e Congressos da USP. Estudos Avançados. São Paulo: 4 de março de 1993.

MOJOLA, C. **O futuro da música clássica: perspectivas para as próximas décadas.** In Revista Eletrônica Thesis, ano XIV, n.28, p.60-71. São Paulo: 1º semestre, 2018.

VETROMILLA, C. **A música erudita vista por compositores e intérpretes brasileiros da música popular.** In Revista Arteriais – ppgartes. p. 158-167
Ica: UFPA, agosto 2015.